

Para a Revista da Casa da Cor.

Tais reflexões terão o seguinte percurso: (a) considerarão o problema "casa" no contexto da atual reformulação dos processos comunicativos; (b) considerarão o problema "cor" no contexto da atual recodificação das mensagens culturais; e (c) procurarão fazer com que os dois fios de reflexão converjam. De maneira nenhuma as reflexões propostas poderão esperar serem exaustivas, dada a limitação das duas perspectivas sugeridas e dada a limitação imposta a um artigo como o é este. No entanto podem iluminar a problemática, e destarte servir para diálogos subsequentes.

(a) O problema "casa" ultrapassa de longe o campo da competência da arquitetura e do urbanismo, e isto está se tornando penosamente óbvio na atualidade. Arquitetos e urbanistas (longe de serem projetores de casas e de conjunto de casas) se revelam atualmente funcionários de projeto existencial abrangendo todos os parâmetros da vida. Resumindo brutalmente, o projeto existencial atualmente emergente é este: estabelecer rede dialógica intersubjetiva universal em cujos fios correm informações e em cujos nós tais informações são armazenadas e processadas. O que implica nova antropologia: o homem enquanto nó de rede intersubjetiva que se realiza ao receber informações, ao processá-las, armazená-las e retransmiti-las processadas. Em suma: o homem enquanto engajado em conspiração dialógica contra a entropia. ~~Atuação dos~~ Arquitetos e urbanistas aparecem em tal projeto como engajados na elaboração de nós na rede. E tal elaboração aparece enquanto função dos cabos materiais e/ou imateriais que constituem a rede.

Isto contrasta com a noção "casa" da tradição da qual somos herdeiros. Para tal tradição o homem é "indivíduo" definível, identificável. Seja enquanto organismo distinto de outros, seja enquanto "mente/espírito" distinta de outras, seja enquanto mente distinta em organismo distinto. Tal antropologia "dura" (refinante) implica que o homem é coisa em movimento. Sob análise tal movimento se revela pendular: oscila entre avanço rumo ao mundo e recuo rumo ao "si-mesmo". Ao avançar dentro do mundo (na "aventura") o homem se perde no mundo, ao recuar (no "ensimesmamento") perde o mundo. Tal movimento pendular é a "consciência infeliz" hegeliana que é a consciência "tout court" humana. Ora: tal antropologia tradicional implica a noção tradicional de "casa". É ela ponto de partida para a aventura e ponto de retorno para o ensimesmamento. Consiste pois de quatro elementos: de muros que distinguem entre mundo e mesmo, de um teto que distingue entre o movimento humano e o imutável transcendente, de portas que permitem o trânsito, e de janelas que permitem osmose entre os terrenos delimitados pela casa. A ambiguidade da casa e de seus elementos (ambiguidade própria a toda delimitação) é o problema da arquitetura do passado. Como simultaneamente distinguir entre o privado, o público e o transcendente, e simultaneamente permitir trânsito entre os tres terrenos?

Isto não mais é nosso problema. A noção de "indivíduo" passou a ser insustentável depois do pensamento calculador ter mostrado que tudo é "divisível".

O organismo humano (como todo objeto físico) se dissolve em quanta, os movimentos do organismo em actomas, a mente/espírito em elementos pontuais do tipo "estímulo" ou "decidema", e o próprio pensamento calculador em algoritmos. A antropologia "dura" (reificante) cede lugar a antropologia "mole" (relativizante). O homem deixa de ser definível, e passa a ser identificável apenas em relação com outros. (Em termos lógicos: "identidade" se revela "diferença"). Sob análise o "eu" se revela polo de relação dialógica com "tu", a relação se revela reversível, e portanto "eu" e "tu" se revelam extrapolações abstratas e reversíveis de relação concreta. Em tal antropologia "casa" no sentido tradicional, e muros, teto, portas e janelas não se enquadram. Por uma razão topológica simples: em rede relacional ^{nem} nós (nem os cabos) se movimentam, mas são as informações que fluem. O homem enquanto nó de relações está sempre "centrado" na medida em que recebe informações, as armazena, processa e transmite: não há mais distinção entre público e privado, entre mundo e si-mesmo. O acento de tal formulação da posição central humana está nos termos: na medida em que. E isto é o problema atual de "casa": passa ela a ser instrumento que facilite a recepção, o armazenamento, o processamento e a transmissão de informações calculadas, de "dados".

Para captarmos tal problema devemos deixar de pensar geograficamente e passar a pensar topologicamente. Tarefa mais difícil que a que nos obrigou a pensarmos a geografia em termos de superfície de volume em vez de termos planos. Em rede relacional todos os pontos são equivalentes, e cada qual é central em relação com todos os outros. As distâncias entre os pontos são funções de densidade: quanto mais densas as relações tanto mais próximos os pontos um do outro. De maneira que casa enquanto instrumento centralizador passa a ser instrumento de adensamento de relações intersubjetivas. É tal função condensadora que "localiza" a casa, e não a posição geográfica que ocupa. A "casa do futuro" será espécie de curvatura na rede intersubjetiva para dentro da qual as relações se precipitam (como que atraídas por sua gravidade), e acende vão ser concretizadas. Em suma: a "casa do futuro" será instrumento para a realização de virtualidades intersubjetivas. Os problemas técnicos que a elaboração de um tal instrumento envolve não mais serão da ordem "muro, teto, porta e janela", mas da ordem; "cabo memória, computação e codificação do computado". Serão problemas "moles" mais que "duros". Já que "casa" não mais será cápsula para conter indivíduos, mas campo para condensar e disseminar relações intersubjetivas. Os termos "arquitetura e urbanismo" adquirirão novos significados.

(b) O problema "cor" vai emergindo com urgência surpreendente no contexto acima esboçado. Que é o contexto de análise calculadora e síntese computadora. (De transformação de indivíduos em campos.) Um pequeno modelo pode ilustrar a situação cultural a qual estou aludindo. A cultura emerge há dois milhões de anos ao recuar o homem do contexto vital de coisas que o cercam (de contexto de quatro dimensões) para se tornar sujeito. O resultado são objetos manipulados, parados, contexto de tres dimensões portanto. O homem recua de tal contexto há quarenta mil anos para supervisioná-lo, e o resultado é o universo das

imagens, da bi-dimensionalidade. Graças a outro recuo executado há quatro mil anos o homem adquire distância crítica com relação ao mundo imaginário e produz a escrita. Há quinhentos anos o homem recua do universo unidimensional dos textos afim de calculá-lo (analisá-lo), e o resultado de tal retirada para a zero-dimensionalidade são a ciência, a técnica, a revolução industrial, em suma: o mundo moderno. Não mais é possível distanciar-se de tal contexto por novo recuo: não há abstração maior que a zero-dimensionalidade. Estamos pois executando meia-volta e projetamos doravante a partir da zero-dimensionalidade do contexto quântico rumo ao contexto vital do qual nos alienamos ao nos termos tornado homens. (O pequeno modelo aqui proposto não é "explicação" da história da humanidade, mas apenas figura auxiliar para localizar o problema "cores".)

Todo passo enumerado no modelo pode ser visto enquanto codificação de informações adquiridas. O primeiro enquanto codificação do contexto vital em objetos, o segundo enquanto codificação de objetos em imagens, o terceiro enquanto codificação de imagens em textos, o quarto enquanto codificação de textos em números, e o quinto enquanto codificação de números em fenômenos perceptíveis. É o quinto passo que coloca o problema "cor" de maneira surpreendente. Algoritmos vão sendo transcodificados em sons (synthetizers), superfícies coloridas (plotters), volumes coloridos (hologramas), e dentro em pouco volumes coloridos em movimento. Isto é: algoritmos vão sendo projetados para se tornarem tão concretos quanto o é o universo vital percebido pelos sentidos. Tal concreticidade dos fenômenos computados mere ~~ce~~ breve excursão:

A análise calculadora das ciências físicas mostra que os fenômenos naturais se constituem em objetos concretos na medida em que as partículas distribuídas em campos se condensam. Isto é: a concreticidade é função da distribuição de partículas, da densidade. A análise calculadora da neurofisiologia mostra como percebemos objetos concretos: os nervos recebem estímulos pontuais, e o sistema nervoso central computa tais estímulos em percepções de objetos. A concreticidade é função de processamento de elementos. A projeção de algoritmos em fenômenos sensíveis (sons, formas, cores e volumes) resulta em universos alternativos que são concretos na medida em que os bits do cálculo são densamente distribuídos. Ainda não tem sido alcançada densidade de disseminação ("definição") tão compacta quanto o é a densidade alcançada pelos processos do sistema nervoso. Ainda é pois possível distinguirmos entre o "mundo dado" e os "simulacros sintetizados". Mas a densidade está se aperfeiçoando. A partir de determinado ponto não mais será possível a distinção entre "dado" e "simulado". Os universos alternativos projetados serão então tão concretos quanto o é o universo vivenciado pelos sentidos, ou inversamente: o mundo da "natureza" será diagnosticado enquanto um entre os universos sintetizados.

Ora: os universos sintéticos são transcodificação do código numérico, e isto é decisivo para a captação da situação cultural emergente. As imagens sintéticas não são transcodificação de objetos em imagem, (como o são as imagens tradicionais), mas transcodificação de números em imagens. Por exemplo: pintura à mão de avião representa o objeto "avião", é "abstração", "ficção", "arte".

Mas imagem sintética de avião representa determinados cálculos que visam construir aviões, é "concretização de avião possível", "projeto", "modelo". As duas imagens são opostas uma à outra: a primeira aponta (significa) o mundo percebido, a segunda se projeta (modela) sobre o mundo percebido. Ambas as imagens são em cores. Mas as cores da primeira imagem representam cores do mundo percebido, e as da segunda números em algoritmos. Em termos muito resumidos é assim que o problema da cor se coloca na situação cultural emergente.

Para captarmos o problema de outro ângulo recorramos ao seguinte paralelo: Há quinhentos anos começou a transcodificação do pensamento de letras (palavras) em números (algoritmos). O propósito era o de tornar o pensamento "claro e distinto", já que números são claros por serem distintos um do outro (separados por intervalos). O problema então era o de adequar um pensamento tão recheado de intervalos às coisas tidas por extensas, e a solução era a geometria analítica (adequar números a pontos). Mas tal problema aparentemente técnica de transcodificar a geometria em aritmética revelou-se revolução existencial violenta: o homem deixou de curvar-se perante as leis Divinas (codificadas em palavras), e passou a inclinar-se sobre as leis da natureza (codificadas em algoritmos). Em vez de pecar para libertar-se de leis o homem passou a usar técnica para libertar-se. Ora: atualmente começamos a transcodificar o pensamento de números para fenômenos sensíveis (por exemplo cores). O propósito é de tornarmos o pensamento perceptível aos sentidos. O problema é agora de adequarmos o código de números a um código de cores. O problema é aparentemente técnico, mas inevitavelmente resultará em revolução existencial por ora inimaginável.

As cores adquiriram função cultural inteiramente nova: devem tornar-se símbolos de conceitos claros e distintos. Com efeito: os primeiros exemplos de tal codificação das cores podem ser desde já observados. Por exemplo: nos sinais de trânsito, nos rótulos de mercadorias, nas imagens feitas por satélite, nos modelos coloridos de partículas físicas ou de moléculas biológicas, e sobretudo nas imagens computadas de equações (por exemplo de "fractais") e em geral de algoritmos. Mas tais exemplos provam a dificuldade da tarefa. As cores destarte arrancadas dos códigos precedentes para constituírem código novo conservam alguns dos seus parâmetros precedentes. Por exemplo: o vermelho no sinal de trânsito que agora significa o conceito "pare" conserva seu significado precedente "perigo, inferno". Com efeito: a escolha de determinada cor para ser inserida no código novo obedece até agora a critérios (empíricos) impostos pelos códigos precedentes. O resultado é que o conceito claro significado pela cor adquire subrepticiamente a conotação daquela cor em códigos precedentes. O próprio conceito numérico se torna conotativo. A dificuldade é esta: ao transcodificarmos conceitos em cores estamos denotando as cores e conotando os conceitos.

Acresce que o universo das cores a ser destarte adequado ao universo dos números tem estrutura diferente deste. O universo dos números irradiava a partir de zero rumo a horizontes indefinidos, e está recheado de intervalos. O universo das cores não tem centro, tem horizontes definidos, e está pleno.

O problema cartesiano de adequar a coisa pensante (numérica) à coisa extensa (geométrica) passa agora a ser o problema de adequar o universo das cores à coisa pensante. Por certo: os termos se inverteram: a coisa pensante não mais procura adequar-se, mas pelo contrário procura adequar o universo. Não obstante urge elaborarmos teoria das cores que seja de alguma maneira o equivalente da geometria analítica no início da Idade moderna. Se considerarmos que a geometria analítica é o fundamento epistemológico da ciência e técnica modernas compreendemos a enormidade da tarefa.

Em resumo: as cores estão atualmente emergindo enquanto formidável desafio. Urge elaborarmos uma teoria cultural das cores que possa servir de sustento para um futuro código de cores, o qual por sua vez será chamado a sustentar os conceitos, atos, decisões, sentimentos e vivências da cultura futura. O que implica que urge libertar-se das categorias modernas "conhecimento" (ciência) "comportamento" (política) e "vivência" (arte), e elaborar categorias novas que permitam o estabelecimento de tal teoria das cores. Para recorrer-nos a uma imagem apropriada no presente contexto: a partir de zona cinzenta na qual ciência, política e arte se recobrem deverá surgir um novo universo de cores com riqueza, brilho e exactidão por ora inimagináveis.

(c) Posto nos termos das duas reflexões precedentes, o projeto de estabelecer-se "Casa da Cor" se revela empresa a cortar a respiração de quem nele se engaja. Trata-se da tentativa de curvar o campo universal intersubjetivo para que surja entalho dentro do qual se precipitem os engajamentos em prol da emergência de um universo das cores a sustentar a cultura futura. A tarefa parece pois fora de proporção com a competência dos seus iniciadores. Competência esta severamente limitada por determinações económicas, sociais, culturais, políticas e inclusive simplesmente por determinações biológicas (energia e tempo de vida disponíveis). Em suma: a tarefa posta nestes termos parece loucura. No entanto: se aplicarmos à tarefa o raciocínio analizador e sintetizador (o da análise e síntese de sistemas), o clima fantasmagórico se dissipa. Os iniciadores aparecem então enquanto meros gatilhos que põem em marcha processo auto-gerador ("bola de neve"), e sua competência pode limitar-se a isto. Isto merece ser considerado.

O problema formal é o de abrir campo no qual relações intersubjetivas possam adensar-se (concretizar-se), e de filtrar do campo geral intersubjetivo aquelas relações que dizem respeito a cores. A competência dos iniciadores deve limitar-se estritamente a isto. Todas as demais considerações ligadas ao projeto "Casa da Cor", sejam elas epistemológicas, políticas, estéticas ou de qualquer outra ordem devem ficar a cargo das competências atraídas e filtradas. Toda tentativa de querer estender a competência dos iniciadores para que incluam tais considerações resultará fatalmente em projeto incompetente. Ora: assumir responsabilidades proporcionais à própria competência é sintoma não apenas de honestidade, mas sobretudo de criatividade.

Que significa ser "gatilho" no caso? Elaborar instrumento ("casa" que recolha, armazene, processe e transmita informações relativas a cores.

Ao formularmos o problema em tais termos corremos o perigo oposto do da formulação precedente: de fantasmagórica a tarefa passa a ser prosaicamente humilde. Breve reflexão dissipará tal perigo. Afim de informações relativas a cores possam ser recolhidas, é preciso que haja declive que " motive" o fluxo. É preciso que algo "atraia" as informações, isto é: as relações intersubjetivas das quais tais informações se originam. Tais atrações podem por certo ser de diversa ordem: dinheiro, honra, aventura. Mas o importante (dada a estrutura do projeto) deve ser o adensamento das relações, a oportunidade de troca, a aproximação de competências diversas. Ora: é muito difícil estabelecer-se campo comum para competências diversas (fazer dialogar por exemplo psicólogo com matemático, ou artista plástico com analista de sistemas). Os iniciadores devem ser competentes para fazê-lo.

Afim que informações recolhidas possam ser armazenadas, é preciso que haja memórias adequadas. Por certo, inúmeros suportes de memórias estão disponíveis: bibliotecas, discos, vídeos, computadores. Mas o problema não é o simples arquivamento, mas a acessibilidade aos dados memorizados. Confesso que minha própria fantasia não é suficiente para imaginar acesso universalmente fácil às informações destarte armazenadas, mas sei que se isto não for alcançado o projeto todo cairá por terra. Os iniciadores devem ser competentes para resolver o problema.

Afim que informações armazenadas possam ser processadas é preciso não apenas de cérebros, mas igualmente de inteligências artificiais e de instrumentos. Na medida em que as informações vão se acumulando tais laboratórios de processamento vão assumindo dimensões dificilmente previsíveis. Deverá haver critérios que possam reger tais instituições-monstro e confesso que não os vejo. Imagino por certo que universidades, escolas técnicas, empresas industriais, ateliers artísticos e governos se alienem ao projeto e funcionem enquanto antenas, mas imagino mal como o perigo de afrouxamento do tecido intersubjetivo (o oposto de "casa") pode ser evitado. Os iniciadores devem ser competentes para fazer face a isto.

Afim que informações processadas possam ser transmitidas é preciso que haja canais para tanto. Tais canais estão disponíveis: jornais, revistas, radios, televisão, publicações especializadas. Imagino facilmente que tais canais podem ser criados (sob forma de revista) ou atraídos pela "casa". O que não imagino é como o perigo de vulgarização (que é sinônimo de divulgação) pode ser evitado. Que se evite que as informações processadas sejam moidas em massa informe (redundante) ao serem transmitidas. Creio ser esta a tarefa fundamental dos iniciadores: evitar que isto aconteça.

Algo curioso aconteceu nesta parte das reflexões em torno da Casa da Cor: primeiro pareceu ser projeto que ultrapassa a competência dos iniciadores, depois, limitada tal competência, pareceu tarefa técnica humilde, e finalmente, analisada a competência limitada, re-apareceu enquanto tarefa quase que super-humana. Pois tal círculo vertiginoso da reflexão é sintoma da atração que o projeto exerce. Já está funcionando enquanto "casa".